



As paisagens fazem parte da pesquisa do artista sobre as próprias origens

Resgate ancestral

Em exposição na Galeria Index, o artista André Felipe Cardoso aborda temas como ancestralidade, história e meio ambiente em obras criadas com diversidade de materiais

Nahima Maciel

As paisagens criadas por André Felipe Cardoso são também uma forma de resgate das próprias origens. A exposição *A grande atalaia*, que tem abertura marcada para amanhã, às 11h, na Galeria Index, traz obras criadas a partir de uma busca identitária que reúne materiais e narrativas resgatados do ambiente que sempre cercou a vida do artista.

Remanescente de uma comunidade quilombola, criado no meio rural próximo a Minaçu e Cavalcanti, André Felipe apresenta um conjunto de 35 obras construídas com cestarias, cerâmica, madeira, colagem e, principalmente,

apropriação de imagens. “Me aproprio de imagens para criar narrativas de um passado e de um entorno que me rodeia. Vou batendo muito nessa tecla de utilizar imagens prontas para criar narrativas que perpassam minha caminhada pelos lugares”, avisa o artista.

André Felipe se declara como um “artista de apropriação”. A coleta de materiais e objetos que servem de base aos trabalhos, assim como os gestos e narrativas ali impressos, são influenciados pelo entorno do artista e pelas interações do ambiente no qual reside. André Felipe mora em uma comunidade quilombola em Goiás Velho localizada em um ponto alto da cidade

Fotos: André Felipe Cardoso



SERVIÇO

A grande Atalaia

Exposição de André Felipe Cardoso. Abertura amanhã, às 11h, na Galeria Index (Edifício Morro Vermelho, Térreo, SCS Qd 01). Visitação até 20 de fevereiro, de segunda a sexta, das 11h às 19h, e sábados, das 10h às 15h.

conhecido como Morro das Lajes. De lá, ele observa a dinâmica da cidade com um olhar que também acaba por imprimir nas paisagens. “*A grande Atalaia* vem dessa grande observação do lugar, dessa passagem pelos lugares”, avisa o artista, que

soma nessa conta várias residências realizadas em cidades como Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

O artista explica que os trabalhos são também um processo de busca para compreender a própria ancestralidade e o percurso artístico escolhido. A exposição, ele explica, é o fechamento de um ciclo. “É uma edição de tudo que produzi nos últimos tempos e das coisas que me interessa pesquisar neste momento”, diz. Dessa pesquisa, além da ancestralidade, fazem parte também questões técnicas como a escolha do suporte e da linguagem.